



---

## ***Duas de Letra: um grupo de leitores numa biblioteca universitária***

**Gaspar Costa Matos**

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

[gmmatos@fpie.ulisboa.pt](mailto:gmmatos@fpie.ulisboa.pt)

**Tatiana Sanches**

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

[tsanches@fpie.ulisboa.pt](mailto:tsanches@fpie.ulisboa.pt)

### **Resumo**

Uma biblioteca académica que serve duas instituições (Faculdade de Psicologia e Instituto de Educação) da Universidade de Lisboa, tendo plena consciência dos benefícios da leitura e sua partilha, procurou ir mais além nos serviços prestados aos alunos, aos investigadores, aos docentes e inclusive aos não-docentes. Relatam-se as motivações, as condições de implementação e manutenção, os sucessos e os insucessos de manter um grupo de leitores numa biblioteca de ensino superior, sempre com a mesma certeza: reunir vozes em torno de uma leitura de fruição é, na academia, construir um espaço de encontro e diálogo onde se exercita o hábito de pensar e aprender fora do contexto técnico-instrumental, possibilitando a expressão, a cada um, das suas ideias e respeitando e valorizando as ideias dos outros.

**Palavras-chave:** grupos de leitores, promoção da leitura, bibliotecas de ensino superior

### ***Two chatter: a group of readers in a university library***

#### **Abstract**

An academic library that serves two institutions (Faculty of Psychology and Institute of Education), within the University of Lisbon; Full awareness of the benefits of reading and sharing; The desire to go even further in the services provided to students, researchers, teachers and even non-teachers. The motivations, the conditions of implementation and maintenance, the successes and the failures to keep a group of readers in a library of higher education are mentioned, always with the same certainty:

---

to gather voices around a reading of fruition is, in the academy, to construct a space of encounter and dialogue where one exercises the habit of thinking and learning outside the technical-instrumental context, expressing each one's ideas and respecting and valuing the ideas of others.

**Key-words:** Reading groups, Reading promotion, Academic Libraries

## Introdução

Num sentido lato, o valor do conhecimento e da aprendizagem sempre esteve subjacente à missão da academia. No seio das instituições de ensino superior, a leitura tem sido tradicionalmente associada a esta intenção instrumental e, nas suas bibliotecas, os conceitos chave que estão na base da constituição de coleções e serviços baseiam-se nas premissas ler para aprender e ler para conhecer. De facto, as práticas de promoção da leitura de fruição estão habitualmente relacionadas com bibliotecas públicas e mesmo escolares, o que nem sempre acontece em bibliotecas universitárias. O presente estudo tem como objetivo descrever uma iniciativa desta natureza – um grupo de leitores – implementado numa biblioteca de ensino superior em Portugal.

A ideia de iniciar um grupo de leitores na Faculdade de Psicologia e Instituto de Educação da Universidade de Lisboa radica, em primeiro lugar, na experiência prévia dos bibliotecários que o criaram, em cujo percurso se destaca a passagem por bibliotecas públicas, precisamente com responsabilidade na criação e acompanhamento a grupos de leitores em contextos variados. Já num estudo sobre grupos de leitura em contexto universitário, baseado em entrevistas a diversos bibliotecários, se afirmava que os bibliotecários que demonstraram mais interesse e entusiasmo em realizar grupos de leitura nas suas bibliotecas, tinham tido uma experiência em bibliotecas públicas (Elliot, 2007). Por outro lado, partia-se do pressuposto que existe um valor intrínseco associado à leitura recreativa, o que permitia antever que um grupo de leitores poderia funcionar bem, mesmo em contexto académico. De facto, as competências que se procuram construir ao nível do ensino superior e a que a biblioteca já dá resposta, assentes essencialmente em competências da informação (saber pesquisar, avaliar, seleccionar, organizar e apresentar informação de forma ética e legal) poderiam ser complementadas com o desenvolvimento de competências ao nível do pensamento crítico, da oralidade, da comunicação, da argumentação, do sentido estético, entre outras, também essenciais para o aluno universitário.

Um ano volvido desta experiência, é importante apresentar um balanço, procurando elencar as dificuldades e resistências, mas igualmente as conquistas e sucessos da mesma.

## Grupos de leitura

Diversas experiências com grupos leitura têm sido levadas a cabo em vários países, sendo a tradição anglo-saxónica a mais visível. A constituição dos grupos, as idades, os

contextos, os dinamizadores e as leituras são dos mais variados. No aspeto particular dos grupos de leitura em contexto universitário, sabe-se que nas décadas de 20 e 30 do século XX, nos Estados Unidos, a leitura extracurricular era encorajada, sendo uma função essencial daquelas bibliotecas, e que nos anos 50 se relatava sobre a quantidade e tipologia das leituras que os estudantes desenvolviam em contexto universitário (Elliot, 2007). Porém, ao longo do tempo, notou-se um declínio desta função de promoção da leitura recreativa, percebendo-se que as bibliotecas de ensino superior estão a largos passos de outras bibliotecas, nomeadamente na promoção das literacias e da leitura ao longo da vida, atribuindo-se este declínio ao facto de que a leitura de lazer é vista como algo inconsistente face à missão da biblioteca académica – que sobretudo deve apoiar a aprendizagem e a investigação (Dewan, 2010, p. 55).

Em Portugal não está publicado qualquer estudo sobre a situação de grupos de leitura em contexto universitário. Além do esforço meritório do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, que no âmbito do seu programa de itinerâncias rasgou horizontes nesta área, distribuindo pelas bibliotecas públicas do país a possibilidade das visitas de dinamizadores (Prole, 2004), desconhece-se a existência de outros projetos de continuidade, com resultados impactantes a nível nacional, ainda que possamos mencionar a Fundação Serralves, a Culturgest ou algumas livrarias que, nos últimos anos, e num esforço louvável, prosseguiram com grupos de leitura. Quanto às Bibliotecas Públicas, há experiências, algumas decorrentes das dinâmicas geradas pelas mencionadas Comunidades de Leitores do então IPLB, que só excecionalmente se encontram estudadas (Eiras, Matos & Cruz, 2007; Eiras, 2010).

Nas bibliotecas universitárias, de facto, apenas encontramos testemunhos além-fronteiras, sendo nos Estados Unidos e Espanha que surgem os exemplos sobre os quais nos podemos inspirar. Em comum, estes estudos (Elliott, 2007; Dewan, 2010; Sánchez-García, Yubero & Larrañaga, 2010; Gilbert & Fister, 2011; Kilham & Griffiths, 2017) apresentam o argumento que sustenta a criação dos grupos de leitura no ensino superior: é que a leitura de lazer permite aos estudantes desenvolverem capacidades e competências de que beneficiarão igualmente no seu percurso académico, contribuindo para a sua formação integral.

### **Porquê um grupo de leitura em contexto universitário?**

Há uns anos, Carr (2010) lançava o debate sobre a forma como a internet, as redes sociais e toda a oferta informativa em tempo real, como notícias ao momento, hiperligações e outras modalidades de perceção da informação, estão a alterar a forma de processamento do cérebro. Argumentava o autor (Carr, 2010, p. 104) que com a disponibilização destes novos meios, “a leitura de obras literárias que migram para o suporte digital fica afetada, porque as palavras se embrulham nas múltiplas distrações do computador. As hiperligações e outras funcionalidades digitais impulsionam o leitor entre aqui e ali. A leitura perde os seus contornos e dissolve-se nas vastas águas da internet. A linearidade do livro impresso é estilhada a par da atenção calma que encorajava o leitor.” Esta reflexão levou a um extenso debate (também espelhado na imprensa, por exemplo em Kingsley (2010)) e, de alguma forma, resultou em estudos cuja resposta àquelas hipóteses recai sobre a leitura literária em obras impressas. As ciências cognitivas têm debatido o tema e, por exemplo, Oatley (2016), neste domínio, referia

que a leitura de obras literárias pode ser pensada como uma forma de consciencialização de si próprio e do outro, permitindo mudanças interiores que se relacionam com o envolvimento do leitor com a história. Tal deve-se sobretudo a personagens e circunstâncias complexas percebidas através da leitura literária (e que não se encontram com frequência na vida real), as quais permitem fazer inferências, estabelecer envolvimento emocional e aumentar a capacidade de empatia, competências sociais fundamentais.

Por outro lado, os bibliotecários têm procurado dar resposta a esta conjuntura, destacando-se Lacy (2014), ao analisar o conceito de *slow reading* (leitura lenta) e propondo os grupos de leitura como uma forma de o incluir nas bibliotecas académicas, precisamente para dirimir as dificuldades trazidas pela era virtual. Argumenta a autora (Lacy, 2014, viii) que a leitura lenta mantém-se relevante e importante, não *apesar* da nossa obsessão pela velocidade, pelo chamado *always-on*, mas por *causa disso*. E sublinha que, ao obrigar-nos a abrandar e a focar numa linha de pensamento narrativo, a leitura literária providencia uma defesa face às distrações digitais. O estado de abstração é um estado de prazer, mas a leitura concede muito mais. Alimenta a imaginação e o impulso criativo, entretém, conforta e fornece meios para expandir a nossa identidade e as nossas crenças e para melhor perceber os outros. Isto faz com que existam mais ligações – ao autor, ao mundo, a outras culturas e a outros leitores – e por isso tem o poder de agregar comunidades.

Estes argumentos estão também presentes noutros estudos. Kilham & Griffith (2017) referem que um valor fundamental das bibliotecas é o de dar suporte à comunicação de ideias e de informação e que os grupos de leitura são uma oportunidade para apoiar o desenvolvimento de competências de comunicação, colaboração e respeito entre estudantes e corpo docente. Dewan (2010) já referia diversas vantagens de providenciar literatura nas bibliotecas universitárias, no sentido que esta fomenta a literacia, o pensamento crítico, ajuda a travar o declínio dos hábitos de leitura, aumenta nos estudantes a capacidade de concentração e de contemplação, ao mesmo tempo que estimula a mente, e espírito e a imaginação dos estudantes.

Porém, existem também fortes razões para que os grupos de leitura não sejam implementados nas bibliotecas universitárias. Elliott (2007) constatou, a partir de um inquérito extensivo a diversos bibliotecários responsáveis por bibliotecas universitárias algumas destas razões. Nas respostas dadas pelos bibliotecários era referido que os estudantes são difíceis de motivar no que toca a atividades para lá dos trabalhos académicos; ao mesmo tempo, alguns responsáveis de topo não investem nestas atividades porque simplesmente não acreditam nelas; há ainda quem considere que a promoção da leitura é uma missão que está para lá da competência das bibliotecas de ensino superior; e ainda que o défice de competências dos bibliotecários para liderar um grupo de leitura é também um motivo relevante; finalmente, a falta de hábitos de leitura dos próprios bibliotecários é também apontada como uma razão para que não se implementem grupos de leitura.

Segundo Gilbert & Fister (2011) um fator determinante para a proficiência na leitura é o prazer concedido pela experiência de ler. Se queremos que os estudantes sejam leitores ao longo da vida, é necessário o apoio à aprendizagem, mas é importante considerar formas de os ajudar a desenvolver os seus gostos pessoais, fazendo com que aprendam maneiras de identificar as leituras mais satisfatórias e instigar a ideia de que podem voltar às bibliotecas depois de concluídos os seus estudos académicos, com vista à sua educação contínua e ao

seu desenvolvimento (Gilbert & Fister, 2011, p. 490). Foi também esta a nossa convicção a implementar o grupo de leitura, cuja história agora se descreve.

## **Duas de Letra – Grupo de Leitores da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa**

A ideia de iniciar um grupo de leitores numa instituição de ensino superior surge, em primeiro lugar, pela clara perceção de que o *core business* da biblioteca era cumprido: o apoio ao ensino, à docência e à investigação era já uma vertente consolidada no trabalho diário. Desta feita, não existiam obstáculos que impedissem o arrancar de uma iniciativa que claramente se colocava para lá dos imperativos académicos, mas que sabíamos poder contribuir para o alavancar de competências que, sendo não-curriculares, complementam e potenciam o desempenho do cidadão a todos os níveis. Jimenez (2013, p. 2–3) já referia estas mesmas ideias:

«El desarrollo del hábito lector siempre ha estado vinculado al entorno de las bibliotecas públicas pero en los últimos años es importante reseñar que muchas bibliotecas universitarias han empezado a considerar la promoción de la lectura de ocio como una de sus funciones. Es importante desvincular los libros y las lecturas del entorno estrictamente universitario y potenciar através de los clubes de lectura un espacio de encuentro y diálogo entre todos los miembros de la comunidad universitaria. Según el Estudio sobre los hábitos de lectura de los universitarios españoles (2008) se demuestra la necesidad de desarrollar y estimular este hábito lector señalando que la lectura no es sólo un medio de acceder al conocimiento, sino un poderoso instrumento epistémico que permite pensar y aprender.»

É nesse sentido que surge a justificação apresentada à direção do Instituto de Educação e da Faculdade de Psicologia que, complementada por argumentos defendendo uma iniciativa desta natureza, seria igualmente uma ferramenta de marketing para o serviço. No dizer de Forrest (2011, p. 16):

«Book Club programming not only adds to the value of the college library, but serves as an excellent marketing and outreach tool for librarians as well...» (...) How can librarians, whether they have faculty or professional status, inspire a lifelong passion for learning and extend their influence past the limitations of library instruction classes and the reference desk? By organizing and leading book clubs, librarians can do more than simply provide access to information or teach students how to utilize resources; dynamic programming such as this can support the professional growth, intellectual exchange, and cultural enrichment of the entire community. »

Na altura, a proposta referia que o grupo de leitura seria aberto a todos (estudantes, docentes e pessoal não docente) pretendendo-se que, em torno de uma leitura de fruição, se construísse um espaço de encontro e diálogo entre todos os membros da comunidade. De acordo com Fajardo (2010, p. 65), «Running a book club at an academic library can be a successful program to draw the community into the library, promote the library's image, and encourage lifelong learning and reading». E de facto, a iniciativa procurava exercitar o hábito de pensar e aprender fora do contexto de sala de aula, possibilitando a cada participante a expressão das suas ideias e o respeito e a valorização pelas ideias dos outros. A nossa convicção encontrava eco numa afirmação do National Endowment for the Arts (2007, p. 68):

«Reading for pleasure correlates strongly with academic achievement». Apresentada que foi a proposta, a mesma recebeu bom acolhimento pelas direções do Instituto de Educação e da Faculdade de Psicologia, permitindo-nos levar a mesma à concretização.

## Sessões

Deu-se início à promoção da primeira sessão em Fevereiro de 2016, através de cartazes, redes sociais, inserção de notícia na newsletter da biblioteca e difusão seletiva via email, a toda a comunidade académica. A 24 de Fevereiro realiza-se o primeiro momento de encontro, em que é explicado o enquadramento e funcionamento futuro aos que lá marcaram presença. Neste contexto, foi abordado: definição de grupo de leitores; um pouco da história mesmos, em Portugal e no Mundo; a leitura de fruição, com suporte nas palavras de Daniel Pennac e do seu livro *Como um Romance*; o modelo de funcionamento (que implicava a escolha das obras em discussão – por maioria e com liberdade de cada um para propor –, a distribuição de documentos de apoio – guiões de leitura com resenhas e entrevistas aos autores–, o local de reunião – a biblioteca–, e a hora e dia dos encontros); o porquê da escolha do nome *Duas de Letra* (expressão idiomática mais comumente utilizada no Norte de Portugal, e que significa conversa informal e agradável); e foi ainda realizada a apresentação, por voz própria, de cada um dos participantes.

Nessa primeira sessão a adesão foi de 9 pessoas (3 docentes, 2 não-docentes, 1 investigadora e 3 alunas – duas de mestrado e uma de doutoramento), um número surpreendente sabendo-se que o ideal, para este género de iniciativas, não deve superar as 15 pessoas (para que o diálogo seja possível, em condições ótimas). Ao longo das sessões o número foi flutuando, com entradas e saídas, mas pode-se afirmar que a representatividade das tipologias de elementos se tem mantido. De referir que o número de inscritos foi sempre superior ao número de presenças (sendo natural que tal suceda, com hiatos até aos 50%). Não obstante – e até hoje – os interessados continuam a receber os emails e comunicações relativos ao grupo de leitores.

Das sessões desde então decorridas faz-se um primeiro balanço, quantitativo. Foram lidas e discutidas 12 obras literárias, pela seguinte ordem: *Flores* (Afonso Cruz); *O pecado de Porto Negro* (Norberto Moraes); *O Meças* (Rentes de Carvalho); *As primeiras coisas* (Bruno Vieira Amaral); *A amiga genial* (Elena Ferrante); *O guardião invisível* (Dolores Redondo); *Aprender a rezar na era da técnica* (Gonçalo M. Tavares); *A máquina de fazer espanhóis* (Valter Hugo Mãe); *O retorno* (Dulce Maria Cardoso); *Uma dor tão desigual* (vários autores); *Debaixo de algum céu* (Nuno Camarneiro); *Stoner* (John Williams). Houve uma participação média de 9 elementos por sessão, com a mínima a ter 4 e a máxima a ter 17 pessoas, sempre com a presença de docentes, não-docentes e alunos. Contou-se com a presença de 2 autores (Norberto Moraes e Nuno Camarneiro) e de um editor (Francisco Vale, da Relógio d'Água) e ainda a presença remota de Rentes de Carvalho (por email respondeu às perguntas do grupo e enviou uma

mensagem de conforto). Foram produzidos 12 guiões de leitura, a partir dos quais se distribuíram 112 exemplares dos mesmos.

### Sucessos

Igualmente se pode discorrer sobre a questão qualitativa, só indiretamente mensurável. Assim, apresentam-se algumas considerações sobre a forma como decorreram as sessões do grupo de leitura. Desde a primeira discussão que a troca de ideias sobre as obras literárias se revelou fluída, igualmente participada por todos e geradora de conversas que alavancaram outros assuntos para lá do livro, de carácter académico ou de interesse mais generalista. Considerando a intenção inicial, em que se procurava um espaço de encontro e diálogo entre todos os membros da comunidade, se exercitasse o hábito de pensar e aprender fora do contexto académico, expressando cada um as suas ideias e o respeito e a valorização pelas ideias dos outros, consideramos que mesma foi plenamente conseguida.

A criação de um espírito de comunidade em volta do livro e da leitura foi igualmente atingida e, a este respeito, revelam-se dois episódios que, parecendo de somenos importância, caucionam a afirmação. O primeiro aconteceu na terceira sessão, em que os docentes presentes no grupo pediram para ser nomeados pelo nome próprio, e que se deixasse cair o título “Professor” durante estes encontros. Depreende-se, por esta tomada de posição, que o sentimento de igualdade que a discussão livre proporciona, e a partilha de ideias sobre a leitura de um livro (que acaba sempre por ser um revelar sobre nós mesmos, pois percecionamos sempre os conteúdos à luz do nosso próprio ser e experiência a todos os níveis), gerou esta necessidade de abstracção face à posição de cada um dentro da instituição: ali eramos, acima de tudo, todos leitores em comunhão.

Um segundo acontecimento revela sobre o espírito de pertença que se gera dentro de um grupo de leitores: em dada altura um dos docentes viu-se impedido de frequentar as sessões, por força do seu horário. Lamentando-o, foi-lhe dada a oportunidade, caso reunisse mais 4 ou 5 pessoas, membros da academia, de se criar mais um horário mensal, surgindo assim um segundo grupo. A opinião foi bem aceite mas, um ou dois dias volvidos sobre a proposta, esse mesmo docente contacta-nos, agradecendo a possibilidade, mas refutando-a: “*não seria a mesma coisa, pois não seria este grupo, estas pessoas*”. Daqui igualmente se conclui, em tão pouco espaço de tempo, da criação de um sentimento de comunidade que poucas situações – para lá das que um grupo de leitores gera –, podem proporcionar.

### Insucessos

Passado que está quase um ano e meio sobre o início do Duas de Letra – Grupo de Leitores da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação, importa igualmente refletir sobre o que não se atingiu, ou melhor dito, o que ainda estará por atingir. E, neste aspeto, há duas conclusões óbvias.



Em primeiro lugar a ideia inicial era, para lá de chegar a toda a comunidade académica servida pela biblioteca, congregar particularmente os alunos em volta da leitura (pois são eles afinal a maioria que constitui o público alvo das duas escolas em causa). Neste capítulo há ainda caminho a percorrer, se bem que se tentou inverter essa tendência em Outubro de 2016, com uma outra iniciativa associada à leitura, denominada *Um Livro, Uma Comunidade*. Em traços gerais pretendia-se que, no momento de receção dos novos alunos, se gerasse um movimento de leitura de um livro único (no caso, *A Amiga Genial*, de Elena Ferrante), e que posteriormente se fizesse um encontro de leitores, para discussão da obra. Não obstante a articulação com a Associação de Estudantes, com os mentores que recebem pela primeira vez estes novos alunos, a cooperação com o Gabinete de Apoio Psicopedagógico aos Estudantes, o apoio da editora Relógio d'Água (que proporcionou a aquisição da obra a um preço promocional, para os membros da comunidade), a venda nas instalações da biblioteca de cerca de 60 exemplares da obra e a presença do seu editor (Francisco Vale), no momento de discussão da obra estiveram presentes 17 pessoas, dos quais a maioria eram docentes.

Para lá da tipologia, importa igualmente refletir sobre a questão do número, não de participantes no atual grupo, mas da criação de mais grupos em diferentes horários. Um grupo de leitores não será nunca uma atividade de massas mas pode multiplicar-se, assim haja adesão. Um grupo é o que temos, bem participado e funcionando de modo eficaz, porém a ideia de mais participantes (ainda que gerando mais grupos) é algo que se afigura como um objetivo a atingir. Neste sentido, será feito um esforço suplementar em 2017/2018, novamente com a iniciativa *Um Livro, Uma Comunidade* como atrativo (pensando-se em outros moldes, redefinindo a obra em análise e o modo de difusão), com objetivos bem definidos: chamar para a leitura, apelar ao pensamento crítico e à discussão em comunidade.

## Conclusões

O grupo de leitores Duas de Letra conseguiu, de uma forma geral, atingir os seus objetivos qualitativos: a criação de um espaço de debate em torno da leitura de fruição é uma conquista desta biblioteca, e a dinâmica dos seus integrantes tem a vitalidade necessária para que a iniciativa se mantenha. Já no que concerne à criação de novos grupos e seus membros constituintes (preferencialmente alunos), há ainda um caminho a percorrer, mas que – estão os seus promotores convictos – será atingido em breve, graças a diferentes abordagens (por exemplo, obras de menor fôlego mais adaptadas aos hábitos de leitura percebidos, e géneros mais consentâneos com a sua disponibilidade – caso do conto enquanto género literário), e inclusive contando com a participação ativa de docentes que integram, presentemente, o Duas de Letra (e que manifestaram já a sua disponibilidade).

O estudo aqui apresentado procurou descrever e explicar o funcionamento de um grupo de leitura em contexto universitário. Os principais resultados convergem para o que a revisão da literatura já anunciava, sublinhando-se aqui a importância do desenvolvimento de competências múltiplas nos estudantes, nomeadamente as que se conseguem pela leitura literária e a sua partilha num grupo. Os estudantes, através do exercício destas destrezas e capacidades – de concentração, atenção, retórica, oratória, comunicação, partilha e espírito crítico, entre outras – potenciam a sua aprendizagem em contexto académico, mas capitalizam



uma experiência que lhes confere ferramentas para outras aprendizagens e leituras – de si, dos outros, do mundo – o que contribui definitivamente para a sua formação integral.

Muito recentemente, na Resolução do Conselho de Ministros nº 48-D/2017 (Portugal, 2017), procura ampliar-se e reforçar o papel do Plano Nacional de Leitura, aprofundando a articulação entre a educação, a cultura, a ciência e a tecnologia, enquanto eixos transversais da intervenção na esfera pública. Nesse documento é afirmado, a propósito das intenções do Governo neste âmbito:

“Importa, para tal, robustecer a política do livro, da leitura e das bibliotecas, com o objetivo de favorecer os hábitos de leitura em toda a comunidade, reforçando-os no contexto educativo e formativo, com vista à aprendizagem ao longo da vida. Para cumprir este objetivo, esta nova etapa do PNL para 2017–2020 (PNL 2027) deve apoiar e fomentar programas especialmente vocacionados para favorecer a integração social através da leitura (...)”

Como estratégia de promoção da leitura literária, os grupos de leitura podem ser implementados também no ensino superior em Portugal. Consideramos assim estar a contribuir para este desiderato nacional, construindo formas de fomentar hábitos de leitura no ensino superior. Seria importante a análise de outras experiências congêneres nestes contextos, com vista a obter-se uma validação destas conclusões, bem como a generalização deste tipo de ações para maior benefício dos estudantes, não docentes, docentes e investigadores do ensino superior.

## Referências bibliográficas

CARR, Nicholas (2010) – *The shallows: What the Internet is doing to our brains*. New York: WW Norton & Company.

DEWAN, Pauline (2010) – Why your academic library needs a popular reading collection now more than ever. *College & Undergraduate Libraries*, Vol. 17, Nº 1, p. 44–64.

EIRAS, Bruno Duarte; MATOS, Gaspar; CRUZ, Gabriela (2007) – Grupos de Leitores nas Bibliotecas Municipais de Oeiras. In LEAL, F. (org.). *Leitura(s)*. Porto: SETEPÉS.

EIRAS, Bruno Duarte (2010) – Ler, ouvir e falar: a experiência dos Grupos de Leitores nas Bibliotecas Municipais de Oeiras. In: *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*.

ELLIOTT, Julie (2007) – Academic libraries and extracurricular reading promotion. *Reference & User Services Quarterly*, 2007, Vol. 46, Nº 3, p. 34–43.

FAJARDO, Anika (2010) – Book Clubs: Not Just for Public Libraries. *College & Undergraduate Libraries*, Vol. 17, Nº 1, p. 65–69.

FORREST, L. (2011) – College Book Clubs: Collaborating for Success. *Journal of Library Innovation*, Vol. 2, Nº 2, p. 16–21.

GILBERT, Julie; FISTER, Barbara (2011) – Reading, risk, and reality: College students and reading for pleasure. *College & Research Libraries*, Vol. 72, N° 5, p. 474–495.

JIMÉNEZ, María Pilar Alcón (2013) – El Club de Lectura de la Biblioteca Universitaria de Albacete: la experiencia de un club de lectura universitario. *RUIDERAe: Revista de Unidades de Información*, N° 3, p. 1–15.

KILHAM, Jessica P.; GRIFFITHS, Susan P. (2017) – It Takes an Academic Village: The Library's Role in Supporting Interprofessional Communication through a Book Club. *Medical reference services quarterly*, Vol. 36, N° 1, p. 42–48.

KINGSLEY, Patrick (2010) – The art of slow reading. *The Guardian*. 10 July <<https://www.theguardian.com/books/2010/jul/15/slow-reading>>

LACY, Meagan (ed.) (2014) – *The Slow Book Revolution: Creating a New Culture of Reading on College Campuses and Beyond: Creating a New Culture of Reading on College Campuses and Beyond*. ABC-CLIO.

NATIONAL ENDOWMENT FOR THE ARTS. (2007) – *To read or not to read: A question of national consequence*. Washington, DC: National Endowment for the Arts.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc. (2017) – Resolução do Conselho de Ministros n° 48-D/2017, *Diário da República*, 1ª série, N° 65, 31 de março, p. 1692(5)–1692(8)

PROLE, António (2004) – *A experiência das comunidades de leitores em Portugal: da literatura à vida, da vida à literatura*. Lisboa: F. C. Gulbenkian, Casa da Leitura.

SÁNCHEZ-GARCÍA, Sandra; YUBERO, Santiago; LARRAÑAGA, Elisa (2010) – Lectura y universidad: la promoción de la lectura desde la biblioteca universitaria. *Biblioteca, lectura y multimedia*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, p. 1–13.